

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES PARA ESTUDANTES COM TEA**

Maria José da Silva
mary.history@hotmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

EIXO TEMÁTICO: Práticas Pedagógicas Inclusivas e Metodologias Diferenciadas

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo identificar práticas pedagógicas inclusivas no Ensino Médio voltadas para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando os desafios e as possibilidades que permeiam esse processo e resulta dos primeiros esforços de pesquisa em nível de mestrado em andamento em um Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. A inclusão escolar em estudantes do ensino médio com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio que demanda atenção de educadores, gestores e familiares. As práticas pedagógicas inclusivas para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Médio focam em adaptações de rotina e materiais, uso de recursos visuais, e comunicação eficaz. Os desafios incluem a falta de formação docente, barreiras atitudinais e a necessidade de um Plano Educacional Individualizado (PEI) para adaptar o currículo às necessidades específicas de cada aluno. As possibilidades residem na colaboração entre professores, famílias e o uso de metodologias ativas para promover a participação e o aprendizado de todos. A metodologia empregada nesta pesquisa foi de natureza bibliográfica e documental, se embasando em estudos e documentos relevantes sobre o tema. Os resultados obtidos destacam a diversidade de práticas inclusivas adotadas, bem como os desafios enfrentados pelos educadores, familiares e gestores na promoção da inclusão efetiva de alunos do ensino médio com TEA. Conclui-se que a inclusão escolar em adolescentes TEA requer um esforço conjunto de todos os atores envolvidos, além de políticas públicas e estratégias educacionais que considerem as necessidades específicas desses alunos. A promoção de uma cultura inclusiva e o apoio adequado são fundamentais para garantir o pleno desenvolvimento e aprendizado de todos, independentemente de suas diferenças.

Palavras-chave: Inclusão; Ensino Médio; Transtorno do Espectro Autista; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A efetivação da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Médio constitui um desafio para a educação brasileira, visto que, o acesso ao ensino médio ainda não foi universalizado. Apesar dos direitos garantidos por dispositivos legais e normativos, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a permanência e a aprendizagem desses estudantes ainda são impactadas por barreiras pedagógicas, institucionais e atitudinais que limitam a efetividade das práticas inclusivas.

Nesse contexto, discutir a inclusão de estudantes com TEA no Ensino Médio revela-se uma questão de relevância acadêmica e social. Além de assegurar o acesso, é imprescindível promover condições que favoreçam o desenvolvimento integral desses estudantes, respeitando suas

especificidades e potencializando suas capacidades. Assim, este trabalho propõe-se identificar práticas escolares voltadas à inclusão, argumentando que a superação das barreiras ainda existentes depende da articulação entre políticas públicas, formação docente e compromisso institucional com a equidade educacional.

No âmbito da educação escolar, a inclusão é reconhecida como um direito de todos os estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento, altas habilidades e/ou superdotação, independentemente de suas habilidades ou características individuais. No entanto, a implementação bem-sucedida da inclusão de alunos do ensino médio com TEA apresenta desafios que requerem atenção especial por parte dos educadores, gestores escolares, famílias e da sociedade em geral.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento e por vezes a interação social, comunicação e comportamento daqueles que o vivenciam. Caracteriza-se por uma ampla gama de sinais e níveis de gravidade, tornando cada experiência individual única. Com a prevalência crescente do diagnóstico de TEA (Khoury et al., 2014).

A justificativa para a realização deste estudo reside na necessidade de compreender os desafios enfrentados por estudantes TEA, suas famílias e educadores no contexto escolar, bem como identificar práticas inclusivas que garantam seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional. Visto que, a inclusão escolar não apenas beneficia adolescentes com TEA, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a diversidade é valorizada e celebrada.

Assim, é urgente garantir que todos os estudantes, independentemente de suas individualidades, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva. Ao abordar os desafios e identificar práticas eficazes de inclusão escolar com TEA, este estudo busca contribuir para a construção de um ambiente educacional mais acolhedor, diversificado e enriquecedor para todos os estudantes.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada neste foi bibliográfica e documental, envolveu a revisão da literatura acadêmica e documento legal relacionado ao tema da inclusão escolar. Foram considerados estudos empíricos, revisões teóricas, relatórios governamentais e documentos de políticas, com o objetivo de identificar práticas em curso, identificar lacunas de conhecimento e propor recomendações para futuras ações e pesquisas.

RESULTADOS

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição neurobiológica complexa que afeta o desenvolvimento e o comportamento social, comunicativo e cognitivo de indivíduos. A compreensão das características fundamentais do TEA é crucial para o entendimento sobre a inclusão adequada dessas pessoas na sociedade, especialmente no contexto escolar (Khoury et al., 2014).

De acordo com Khoury et al. (2014), as manifestações comportamentais do TEA abrangem uma ampla gama de peculiaridades. Dentre elas, destacam-se dificuldades na interação social e no desenvolvimento de habilidades de comunicação. Indivíduos com TEA podem apresentar padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos, o que pode afetar significativamente sua participação em atividades sociais convencionais (Khoury et al., 2014), como as que ocorrem no ambiente escolar.

Ressalta-se que as peculiaridades sociais do TEA não são uniformes, variando em intensidade e expressão individual. Williams e Wright (2008) enfatizam a importância de reconhecer essa diversidade para uma abordagem personalizada e eficaz na convivência com pessoas diagnosticadas com TEA.

Os desafios na comunicação representam uma faceta significativa do TEA. Ropoli (2010) destaca que muitos indivíduos afetados podem apresentar atrasos no desenvolvimento da linguagem, dificuldades na compreensão de sutilezas comunicativas e uma preferência por formas não verbais de expressão. Silva (2012) ressalta a importância de estratégias específicas para o desenvolvimento da comunicação e da linguagem, visando facilitar a interação e a expressão dessas pessoas. As sensibilidades sensoriais, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, são características frequentes no TEA. Severino (2002) observa que indivíduos diagnosticados podem reagir de maneira atípica a estímulos visuais, auditivos, táteis ou olfativos, o que pode impactar seu conforto e participação em ambientes diversos.

Além disso, comportamentos estereotipados, como movimentos repetitivos, são comuns no TEA e podem servir como uma forma de autorregulação em face de estímulos sensoriais desafiadores (Williams & Wright, 2008). A compreensão das características principais do TEA é essencial para promover estratégias de inclusão adequadas, especialmente no ambiente escolar. As particularidades comportamentais, sociais, de comunicação e as sensibilidades sensoriais devem ser consideradas de maneira individualizada para proporcionar um ambiente inclusivo e facilitar o desenvolvimento pleno desses indivíduos.

A implementação da educação inclusiva traz consigo a necessidade de adaptações no ambiente escolar para atender às demandas específicas dos estudantes com TEA. Carvalho (2019)

ressalta a importância de estratégias flexíveis e recursos que promovam a participação ativa deles. Mendes (2006) e Mantoan (2003) apontam que estratégias pedagógicas centradas na flexibilização curricular, no uso de recursos visuais e tecnológicos, bem como em metodologias ativas que promovam a participação, podem ampliar o acesso e a permanência de estudantes com TEA. Além disso, destaca-se a relevância da formação docente continuada e da atuação em rede, envolvendo professores, equipe pedagógica e família.

As estratégias de intervenção voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) devem ser planejadas de forma individualizada, considerando as especificidades cognitivas, sociais, motoras e linguísticas de cada sujeito. Nesse sentido, Brito (2017) enfatiza que compreender como os estudantes processam informações e respondem aos diferentes estímulos é um passo essencial para que a intervenção seja eficaz, o que exige atuação conjunta entre profissionais da escola e familiares.

Entre as estratégias mais recorrentes destacadas pela autora (Brito, 2017), encontram-se: o uso de linguagem objetiva e clara, com frases curtas e diretas, evitando metáforas e expressões de duplo sentido; a organização de contextos estruturados e previsíveis, por meio da antecipação de mudanças de rotina e do emprego de quadros de rotina e histórias sociais; a valorização dos recursos visuais, como imagens, objetos concretos, vídeos e materiais gráficos; a promoção da comunicação e da interação social, incentivando o uso de nomes próprios, a participação em jogos simbólicos e em atividades que estimulem a atenção compartilhada; o aproveitamento dos interesses específicos da criança como ponto de partida para novas aprendizagens; a utilização de recursos tecnológicos, como tablets, computadores, aplicativos e robótica educacional; a integração da família ao processo de intervenção, ampliando as oportunidades de aprendizagem no cotidiano; e a oferta de experiências motoras e sensoriais diversificadas, como atividades com água, areia, massinha e jogos corporais.

De acordo com Brito (2017, p. 18), estas estratégias são apontadas na literatura científica nacional e internacional como favorecedoras do desenvolvimento de pessoas com TEA, desde que sejam adaptadas às necessidades de cada criança/adolescente e aplicadas em diferentes contextos, como a escola, a casa e os espaços terapêuticos. A abordagem inclusiva permite a personalização do ensino de acordo com as necessidades individuais, o que é particularmente importante no caso dos estudantes do ensino médio com TEA.

Ropoli et al. (2010) enfatizam que a flexibilidade curricular proporcionada pela inclusão facilita a adaptação dos métodos de ensino para melhor atender às habilidades e desafios específicos desses alunos. Essa abordagem personalizada, conforme Silva (2012), é fundamental para o estímulo ao potencial cognitivo, favorecendo um ambiente que reconhece e valoriza a diversidade de habilidades e talentos presentes em cada estudante.

O sucesso da educação inclusiva para estudantes TEA também está vinculado à colaboração estreita entre professores e profissionais de apoio especializado. Khoury et al. (2014) destacam a importância de uma equipe multidisciplinar que trabalhe em conjunto para desenvolver estratégias de ensino e apoio emocional. Essa sinergia, como ressalta Severino (2002), não apenas fortalece o suporte à estudantes TEA, mas também enriquece a experiência educacional de todos os alunos, promovendo uma cultura de inclusão e respeito mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema importante a ser discutido, pois vai além do acesso à escola. Trata-se de garantir a permanência com qualidade, respeitando as especificidades de aprendizagem, socialização e interação desses estudantes. Assim, a escola precisa assumir o compromisso de romper com modelos tradicionais e adotar metodologias mais flexíveis, centradas na diversidade.

Os principais obstáculos presentes no cotidiano escolar estão relacionados à falta de formação continuada dos professores, à escassez de recursos pedagógicos adaptados e, em muitos casos, à dificuldade em articular a prática docente com as políticas públicas de inclusão. Apesar dos avanços legais conquistados, a realidade mostra que a efetivação de uma educação inclusiva ainda exige investimentos em capacitação e no fortalecimento de equipes multidisciplinares.

Entretanto, as possibilidades são igualmente significativas. O uso de metodologias ativas, tecnologias assistivas, estratégias de ensino colaborativo e adequações curriculares pode transformar o processo de aprendizagem dos estudantes com TEA. Além disso, a construção de um ambiente escolar pautado na empatia e no respeito à singularidade favorece não apenas o estudante com TEA, mas toda a comunidade escolar, promovendo valores de cidadania e convivência democrática.

Outro aspecto essencial é a parceria entre escola, família e profissionais da saúde, que contribui para um acompanhamento integral do estudante. Essa rede de apoio possibilita que as estratégias adotadas no espaço escolar sejam complementadas e reforçadas em outros contextos, garantindo maior consistência nos processos de ensino e desenvolvimento.

Portanto, as práticas pedagógicas inclusivas podem colaborar com a permanência dos estudantes no Ensino Médio, quando implementadas de forma planejada, representam um caminho promissor para a efetivação do direito à educação de qualidade para os estudantes com TEA. Embora os desafios sejam numerosos, as possibilidades demonstram que é possível construir uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de acolher a diversidade como princípio fundamental de sua missão educativa.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pelo financiamento desta pesquisa por meio de bolsa de estudos ofertada pelo Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação (PIBAP), fundamental para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.**

Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf> . Acesso em: 18 ago. 2025.

BRITO, Maria Claudia. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do**

autismo. São Paulo: Saber Autismo, 2017. E-book. Disponível em :<https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/ebook-estrategias-de-intervencao-nos-transtornos-do-espectro-do-autismo-maria-claudia-brito.pdf>

CARVALHO, M. **Educação Inclusiva: Práticas Pedagógicas e Políticas Educacionais.** Editora Universitária. 2019.

KHOURY, Laís P. et al. Manejo comportamental de crianças com **Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar:** guia de orientação a professores. [livro eletrônico]. - São Paulo: Memnon, 2014. 1.004,23 Kb;

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006. Disponível em: [file:///F:/AUTO%20BKP%20SSD/Nova%20pasta%20\(3\)/A_radicalizacao_do_debate_sobre_inclusao.pdf](file:///F:/AUTO%20BKP%20SSD/Nova%20pasta%20(3)/A_radicalizacao_do_debate_sobre_inclusao.pdf) Acesso em: 18 ago. 2025.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar:** a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoliet.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular** - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WILLIAMS, C.; WRIGHT, B. **Convivendo com autismo e síndrome de Asperger:** estratégias práticas para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.